

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos e imposição de condecorações entre o governo brasileiro e o governo do Paraguai

Assunção-Paraguai, 21 de maio de 2007

Embaixador Valter Peclly Moreira, embaixador do Brasil em Assunção,
Meu caro Jorge Samek, diretor-geral brasileiro da Itaipu Binacional,
Senhora Clecy Lionço, sub-secretária adjunta da Secretaria da Receita Federal do Brasil,

Meus amigos e minhas amigas,

Companheiros da Imprensa, que tanto lutam para tirar uma foto, e eu espero que amanhã apareça a mais bonita na imprensa paraguaia e brasileira,

O dever de ofício de um presidente da República é muitas vezes oscilar entre o calor de sua alma latino-americana e a racionalidade do papel que um presidente da República tem que exercer.

Eu, em primeiro lugar, quero manifestar a minha gratidão ao meu companheiro e amigo Nicanor Duarte e dizer que foi uma honra extraordinária receber o Colar da Ordem Nacional do Mérito do Paraguai. Para mim, presidente Nicanor, é motivo de orgulho. Eu tomo esse gesto como uma expressão de amizade e confiança de que nossos dois povos souberam, sabem e vão continuar construindo ao longo dos anos esta amizade extraordinária.

Quando eu assumi a Presidência da República, em 2003, e comecei a ter contatos com os presidentes amigos, eu fiquei imaginando o que seria de um presidente da República depois que ele deixa o seu mandato. E comecei a pensar nisso porque logo depois da minha posse veio a posse do Nicanor, veio a posse de Kirchner, veio a vitória de Tabaré, depois a vitória de Evo Morales, a nova vitória de Chávez, a reeleição de Uribe, a vitória de Alan Garcia, a vitória de Michelle Bachelet e, por último, a vitória de Rafael Correa, do Equador. Muitas vezes eu fico pensando que o tempo de uma nação é muito mais longo do que o tempo da vida humana. Aquilo que para um ser humano

tem um espaço muito longo, na história das nações demora décadas e às vezes séculos.

Quando eu tomei posse, presidente Nicanor, tinha uma visita oficial minha à França. Como o companheiro Nicanor sabe, o presidente Chirac era um homem muito afável, um homem muito fino no trato político, muito alegre, muito expansivo. E tinha uma história de uma ponte construída entre a divisa do Brasil com a Guiana Francesa, lá no extremo Norte do País, no estado do Amapá, na cidade de Oiapoque.

E Chirac me chamou num canto e disse: “Presidente Lula, já fiz uma visita ao Brasil, com o presidente Cardoso, mas eu quero tomar champanhe em cima da ponte que vamos construir entre Brasil e França”. Terminou o meu primeiro mandato, terminou o mandato do Chirac e a ponte não está pronta por problemas de ordem jurídica, por problemas de ordem “não sei o quê”. Eu fico até pensando que, possivelmente, um país rico europeu não queira tanto fazer fronteira com um país latino-americano com tantos problemas. O fato é que a ponte não saiu.

Estou dizendo isso porque também conversamos, logo no começo do seu governo e do meu governo, sobre a segunda ponte no rio, divisa entre Brasil e Paraguai. E a verdade é que o problema não é apenas da burocracia brasileira ou da burocracia paraguaia. Burocracia é burocracia em qualquer parte do mundo. Imaginem o que era burocracia no antigo Estado soviético e imaginem o que é hoje, imaginem o que deve ser nos Estados Unidos, o que deve ser na Alemanha, porque no fundo, no fundo, quem governa os países é essa burocracia, que é a máquina fixa do país, nós somos passageiros.

Mas, vejam, quando nós reclamamos – nós, latinos, gostamos de reclamar bastante – e quando não temos a quem culpar e culpamos a nossa burocracia, é porque nós avançamos de forma extraordinária nas relações entre os países da América do Sul e do Mercosul.

Lembra-se o companheiro Nicanor de quando tomamos posse e, durante o processo de campanha eleitoral, o grande tema na América do Sul era a Alca: “porque os Estados Unidos querem impor a Alca aos países do Mercosul, porque querem impor a Alca à América Latina.” Passados quatro anos, ninguém se lembra que um dia houve uma discussão sobre a Alca. Sabem por quê? Porque nós criamos outros instrumentos e outros

mecanismos, recuperamos a esperança no Mercosul, com todas as deficiências e diferenças assimétricas que existem entre nós. Nós recuperamos o prestígio do Mercosul, ganhamos densidade internacional quando criamos o G-20, em Cancun, quando muitos desacreditavam que o G-20 pudesse ter influência na Organização Mundial do Comércio.

E hoje, Nicanor, passados quatro anos do seu mandato, e passados quatro anos do meu mandato, a gente pode até não perceber, mas nós tivemos uma conquista: hoje, a Organização Mundial do Comércio, liderada pelas poderosas economias do mundo desenvolvido, não ousa discutir comércio exterior, não ousa discutir a Rodada de Doha sem chamar o G-20 para a mesa de negociação. Isso é um avanço extraordinário que, muitas vezes, as nossas inquietações cotidianas não permitem que enxerguemos, mas os avanços são extraordinários nesses quatro anos de governo.

Eu fico imaginando, presidente Nicanor, quantas vezes nós tivemos que enfrentar os preconceitos de brasileiros contra argentinos e de argentinos contra brasileiros; os preconceitos de paraguaios contra o Brasil e os preconceitos de brasileiros contra o Paraguai, o Uruguai, a Bolívia e outros países. Afinal de contas, todos nós aqui, na América do Sul, não nos olhávamos, não estabelecíamos entre nós uma relação de parceria. Todos nós ficávamos na expectativa de que, num gesto de bondade a um país pobre latino-americano, os Estados Unidos iriam salvar as nossas economias ou a União Européia iria salvar nossas economias. Isso nunca aconteceu e nunca vai acontecer.

A grande virtude, presidente Nicanor, da tua passagem pelo governo do Paraguai, da minha passagem pelo governo do Brasil, da passagem do Kirchner pelo governo da Argentina, de Tabaré pelo Uruguai, de Chávez pela Venezuela e de tantos outros companheiros presidentes, para não voltar a citar todos, é que conseguimos estabelecer, entre nós, uma crença, uma utopia política de que a solução dos nossos problemas está na nossa capacidade de convergência e não na nossa capacidade de divergência. Nós passamos a acreditar em nós mesmos, passamos a perceber que seria a integração entre os nossos países, a flexibilização das nossas relações, o manuseio correto da nossa burocracia que iria permitir que nós déssemos passos e pudséssemos chegar hoje e assinar esta quantidade de acordos que estamos assinando.

Eu penso, meus amigos brasileiros e paraguaios, que é importante lembrar quantas vezes, na história das relações Brasil e Paraguai, o Brasil recebeu a quantidade de autoridades paraguaias que temos recebido nesses quatro anos, e o Paraguai, a quantidade de autoridades brasileiras que tem recebido nesses últimos anos. Eu não acredito, presidente Nicanor, que em algum momento da relação entre Paraguai e Brasil, em uma única noite, tenhamos juntado tantos empresários brasileiros e paraguaios. E posso lhe dizer que os empresários que vieram do Brasil são empresários importantes, do setor automobilístico ao setor do álcool e do açúcar, do setor do petróleo ao setor do biocombustível, do setor da construção civil aos bancos de desenvolvimento e de fomento do nosso País, numa demonstração de que, mesmo quando demora, mesmo quando as coisas não acontecem com a rapidez que gostaríamos que acontecessem, há a decisão política do governo de fazer acontecer, e as coisas vão acontecendo.

Você e eu, meu caro amigo Nicanor, seremos testemunhas históricas de que, a partir dos acordos que firmamos hoje, nós estamos vivendo um outro momento nas nossas relações. Não haverá facilidade e, muitas vezes, seremos vítimas de incompreensões de setores empresariais que poderão se sentir prejudicados com o acordo A ou o acordo B. Mas nós, também, não fomos eleitos para atender a esse ou àquele setor apenas, fomos eleitos para atender o conjunto dos interesses da nação que nós representamos. Minha ordem para os meus ministros é de que façam todo o sacrifício que estiver ao seu alcance, eliminem todas as barreiras possíveis para que a gente possa concluir os acordos com o Paraguai, acordos com a Bolívia, acordos com o Uruguai, com a Argentina, porque quanto mais tranqüilidade tivermos na América do Sul, mais chances nós teremos de recuperar o tempo perdido no século XX, quando jogamos muitas oportunidades fora. E é muito importante, meus amigos brasileiros e paraguaios, que a gente não permita, em nome do Estado que representamos, saídas fáceis, porque elas não existem, e benevolências, porque elas não existem. O que existe é a relação soberana entre dois ou mais países que, quanto mais séria for, mais tranqüilidade futura teremos para nós e para os nossos filhos.

Eu estou convencido de que passaremos a viver um outro momento. No Brasil, presidente Nicanor, eu tenho 44 milhões de pobres, seis ou sete vezes a

população do Paraguai. Estamos trabalhando com um olho para resolver os problemas dos pobres do Brasil e, com o outro olho, para que o Brasil, dentro das suas possibilidades, possa ajudar a minimizar a pobreza dos nossos vizinhos. Nem sempre é fácil, nem sempre é possível fazer as coisas que gostaríamos de fazer. Mas, se pegarmos os números que você mostrou ontem, ou melhor, o Ministro da Fazenda mostrou no encontro empresarial, e analisarmos o que aconteceu na economia do Paraguai nos últimos quatro anos e o que aconteceu na economia brasileira nos últimos quatro anos, nós vamos chegar à conclusão de que, se outros presidentes antes de nós tivessem feito o pouco que nós fizemos, certamente o povo paraguaio e o povo brasileiro estariam vivendo muito melhor. E não foi feito, num passado recente, o que nós estamos fazendo: desenvolvendo a economia, cuidando da gente pobre e fazendo governos definitivamente republicanos, governos em que as instituições são respeitadas, em que os acordos são respeitados, governos em que a imprensa é respeitada como jamais foi neste continente.

Nós, meu querido presidente Nicanor, sobrevivemos a isso. E sobrevivemos porque carregamos a nossa consciência tranqüila de que estamos fazendo aquilo que as nossas forças políticas e que os limites das nossas economias permitem que façamos. Não há motivo e nem espaço para desanimar e também não há tema proibido a ser discutido. Há tempo em que você pode discutir determinados temas e há tempo em que você não pode discutir determinados temas.

Eu dizia a vários amigos do Brasil que um dos sonhos que eu tenho é não precisar chegar a 2023 para quitar a dívida de Itaipu. O meu sonho é que antes de chegarmos a 2023 o Paraguai esteja precisando do dobro de energia que Itaipu produz para que a gente possa, em vez de ficar discutindo e ideologizando Itaipu, estar discutindo quantas outras hidrelétricas nós poderemos fazer em parceria neste extraordinário país, que tem uma quantidade de rios e potencial hídrico como poucos têm.

Eu dizia ao presidente Nicanor: na hora em que a economia paraguaia começar a crescer, e acredito nisso como acredito no crescimento da economia brasileira, e tenho provocado os ministros brasileiros e os empresários brasileiros de que é preciso olhar o Paraguai, de que é preciso olhar a Bolívia, de que é preciso olhar o Uruguai, de que é preciso olhar a Argentina... Porque,

no fundo, no fundo, nós temos menos divisões do que parecemos ter e temos muito mais confluências do que alguns pensam que nós temos. E, quanto mais crescer o Paraguai – porque a mim, como presidente do Brasil, não me conforta saber que o Paraguai tem déficit comercial com o Brasil –, eu ficaria muito mais feliz se o Brasil tivesse um pouquinho de déficit na balança comercial com o Paraguai. Daí porque nós precisamos trabalhar, enquanto governo brasileiro, para que empresas brasileiras possam fazer investimentos aqui.

É por isso que trouxemos muitos empresários da área do biodiesel, porque, por enquanto, tem uma discussão um pouco confusa sobre o biodiesel. Mas vou dizer uma coisa aqui para os mais novos registrarem, porque não sei se daqui a 20 anos estarei vivo – já tenho 61 e as probabilidades genéticas não me dão tantas garantias – mas, certamente, daqui a 20 anos, os biocombustíveis serão algo revolucionário no mundo. Daqui a 20 anos, países como o Brasil, como o Paraguai, países da América do Sul e da América Latina e países africanos serão, no século XXI, o que os países do Oriente Médio foram no século XX por conta do petróleo. Com uma diferença: os biocombustíveis geram empregos, geram riqueza e não poluem o Planeta como o petróleo está poluindo.

E quero reafirmar o que eu disse ontem: a disposição do governo brasileiro é de fazer todo o esforço para que uma parte da produção desses biocombustíveis seja feita no Paraguai, porque eu nunca imaginei na vida que, em tão pouco tempo – estão aqui os meus ministros da Agricultura, da Indústria e Comércio –, a gente fosse receber tanta gente de outros países desenvolvidos, da Europa, da Ásia e dos Estados Unidos. Nunca se recebeu tanto num ano. Certamente nós, em um ano, tenhamos recebido mais empresários estrangeiros do que se recebia em décadas passadas, tudo para discutir os biocombustíveis. E seria muito ruim, seria muito pequeno, presidente Nicanor, se o Brasil pensasse só em si, se o Brasil não tivesse a decisão de partilhar essas oportunidades e essas possibilidades com o nosso querido Paraguai. O Paraguai tem terra, tem sol, tem água e tem gente necessitando trabalhar. É isso que me faz pensar, não apenas no meu País, mas pensar no meu continente e além do Oceano Atlântico. Pensar o que pode acontecer com os países africanos que têm, nos biocombustíveis, possivelmente, a grande

chance do século XXI.

Quero, meu querido companheiro, presidente Nicanor, lhe dizer da alegria de vir ao Paraguai numa visita oficial, ainda no seu mandato. Já estava pensando que você não gostava de mim, porque ainda não tinha me convidado para uma visita oficial. E pode saber, Nicanor, pode ter certeza de que o que nós fizemos hoje vai dar frutos, o que nós fizemos hoje vai produzir efeito ao longo do tempo para a economia paraguaia e para a economia brasileira. Os contra, não tem problema, até porque só podem existir contras se existir democracia, e a democracia compensa a gente ter gente contra, compensa a gente ter gente criticando, porque eu não quero nunca mais, no meu País, viver os períodos que eu vivi de 1964 a 1985, quando a gente não podia ser contra: ou era a favor ou não podia ser contra.

A democracia tem um custo, mas é o custo mais extraordinário que um político pode pagar, que é o da convivência democrática na adversidade, porque é no debate que a sociedade aprende, é no debate que a sociedade amadurece e é no debate que a sociedade vai compreender que um dia haverá tantas empresas produzindo produtos aqui neste País, que Itaipu não será mais motivo de discussão entre nós. Estaremos discutindo quanto vamos investir para construir a hidrelétrica de Corpus ou quanto vamos gastar para investir em outras hidrelétricas, porque é o crescimento econômico que vai fazer um país necessitar de energia elétrica.

Eu, Nicanor, saio daqui realizado como ser humano e como político, porque acabou o tempo, no meu País, em que pessoas falavam do Paraguai com adjetivos ou recebiam adjetivos de outros países. A gente não mede um país pela quantidade de habitantes, a gente não mede um país apenas pela renda per capita, a gente mede um país pela história e pela dignidade de um povo, e este pequeno Paraguai tem história e tem dignidade.

Por isso, para homenagear o povo paraguaio, eu queria, também retribuindo, dedicar ao presidente Nicanor o Grande Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, que é a mais alta condecoração brasileira. E principalmente homens que respeitamos e que têm respeito pelo Brasil são merecedores desse Grande Colar que eu gostaria de colocar no seu peito.

Muito obrigado a todos.